III Congresso Internacional
das Licenciaturas
COINTER - PDVL2016

A ANÁLISE DISCURSIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS AUTOBIOGRÁFICOS: O MANUSCRITO CULINÁRIO, O DIÁRIO E O BLOG

Apresentação: Comunicação Oral

Luanna Vaz Amaro¹; Beliza Áurea de Arruda Mello²; Henrique Miguel de Lima Silva³

Resumo

O presente trabalho pretende analisar como as marcas discursivas contidas nos MANUSCRITOS CULINÁRIOS, DIÁRIOS ÍNTIMOS E BLOGS são observadas pela linguagem e significados enraizados, demonstrando vestígios oriundos de acontecimentos marcantes que reafirmam uma identidade de escrita. Embora a enunciação tenha a significância, no sentido destacado por Benveniste, nos múltiplos gêneros, a dinâmica da linguagem varia, seu funcionamento e “transformações” são dinâmicos e são esses signos engendrados em novas relações de tempo, de espaço, de modos que desenham novos gêneros. Nesta perspectiva, pretende-se discutir como as receitas culinárias se (re)apresentam em diversos tipos de “escritas” - ora escritas com a mão, manuscritos culinários, ora em escritas cibernéticas, como o blog que determinam especificidades semióticas e semânticas, mas que materializam uma escrita subjetiva que se atualiza no tempo da expressão em que edita. No parecer da comunicação discursiva. São esses sistemas de signos que articulam à iconização e a formalização da língua. Desse modo, os objetos de significação e os efeitos de sentido provocam a ordem do interdiscurso, uma vez que um acontecimento é interpretável e pode ser significado por diferentes discursos. Pêcheux (1999), em seu texto *O papel da memória*, define e esclarece, de início, que a memória discursiva é o centro de suas preocupações e não se refere apenas a aspectos psicofisiológicos, mas refere-se à memória social e coletiva de sentidos possíveis. Compreende-se, portanto, que essa memória discursiva é o efeito da presença do interdiscurso (eixo da verticalidade) no acontecimento (eixo da horizontalidade) do dizer. Nesse sentido, o mecanismo linguístico de vertente discursiva nos manuscritos culinários, diários íntimos e blogs é um lugar de observação da presença do interdiscurso no intradiscurso, enquanto parte constitutiva dos efeitos de sentido produzidos. É relevante neste estudo, ainda, apresentar as definições de “gênero textual”, “tipo de texto” e “domínio discursivo”, expressões também explicadas segundo Marcuschi (2008, p. 154). Assim como, o estudo do enunciado que na perspectiva bakhtiniana representa a unidade real e concreta da comunicação discursiva e defini-lo como tal pressupõe adotar a visão dialógica e ideológica da língua.

Palavras-chave: marcas discursivas; enunciado; manuscrito culinário; diário; blog

A Escrita Autobiográfica E Seus Enunciados

¹ Letras. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. luannava@hotmail.com

² Letras. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Beliza.aurea@gmail.com

³ Letras. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Henrique.miguel.91@gmail.com

Refletir sobre o universo de constituição do acontecimento – nos manuscritos culinários, de mulheres residentes na Paraíba no século XX; nos diários íntimos, que alcançaram o seu ápice nos séculos XIX e XX; e os blogs culinários que ganham o espaço virtual a partir de 1994 – pelo viés da memória como processo narrativo justifica-se por identificar marcas discursivas que dizem respeito a suas estratégias de produção e de validação sobre as receitas, manuscritas ou impressas, o diário íntimo ou o blog. Além disso, ver possíveis correlações de seus enunciados com os outros enunciados do interdiscurso, assim como apreender o encadeamento narrativo dos textos “como horizonte para a busca das unidades que aí se formam” (FOUCAULT, 2007, p. 35).

Dessa forma, apesar de toda a evolução dos métodos e das várias formas de veiculação da palavra, cada texto é formulado com um objetivo e leitor específico. Todo e qualquer texto se torna um produto resultante da interação entre autor e leitor, com uma relação de comunicação entre eles. Seja uma receita manuscrita, marcando a tradição, seja no suporte virtual da internet mediada, em sites, blogs, livros ou cadernos virtuais, será sempre uma escritura com o objetivo de informar, de transmitir experiências, mas também com o objetivo gerador de solidificar uma cadeia.

Os discursos são gerados, assim, por meio da interação, que estabelecem entre si. É essa a pontuação que faz Eni P. Orlandi (2007, p. 89), para quem “o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido” Assim, o enunciável (o dizível) no manuscrito está ancorado em um já-dito e, como tal, ocorre em um espaço de exterioridade em relação à língua e ao sujeito. Afinal Foucault (2007) lembra que todo enunciado se apresenta como série de formulações distintas e dispersas que forma em seu conjunto o domínio da memória discursiva.

Para entender esse entrecruzamento das vozes e a interação mediada pelos suportes virtuais, é preciso levar em consideração a teoria da circularidade e da movência das vozes de Zumthor (1993, 1997, 2001) e pesquisar as tradições culturais e textuais que podem estar agregadas nos suportes midiáticos ora pela interação virtual entre as pessoas que “navegam” e interagem nesses sites, blogs, cadernos e livros virtuais, ora pelos próprios textos que circulam nesses ambientes virtuais.

Ao analisar escrituras autobiográficas é necessário observar o sujeito (autor/receptor) – real, imaginário ou virtual. Benveniste (1998), em seus estudos sobre a enunciação, embora não estivesse nem pretendesse fazer uma teoria do sujeito, mas da significação ressalta a questão da subjetividade. Pontua que a linguagem é sentido, assim o sujeito é o ponto central da sua teoria da enunciação.

Também, afirma que “toda vez que desejamos produzir alguma ação linguística em situação real, recorremos a algum gênero textual. Eles são parte integrante da sociedade e não apenas

elementos que se sobrepõem a ela.” (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Sendo assim, as definições de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo são muito mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana.

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). [...] gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas [...] Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana”, no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas.[...] Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. [MARCUSCHI, 2008, p. 154-155)

Assim, para a noção de tipo textual, predomina a identificação de sequências lingüísticas como norteadoras; para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações propósitos e inserção sócio-histórica. No caso dos domínios discursivos, Marcuschi (2008, p. 158) afirma que não se trata propriamente de um “texto” e sim de formações históricas e sociais que originam os discursos em determinadas esferas de atuação. O autor frisa, ainda, que os domínios ainda não estão bem definidos e oferecem alguma resistência, mas que, seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos, sociológicos e históricos.

Bakthin E Os Gêneros Do Discurso: O Manuscrito, O Diário E O Blog

Ao se falar sobre o estudo de gêneros, uma das principais referências para os autores desde a década de 1970, é, certamente, a obra do linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). Pelo fato de seus trabalhos fornecerem subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, esse autor representa, como lembra Marcuschi (2008, p. 152), “uma espécie de bom senso teórico em relação à concepção de linguagem”. E esse “bom senso” tanto é verdadeiro que a maior parte de seus escritos sobre linguagem e filosofia da linguagem influenciou todo um grupo de intelectuais com os quais trabalhou, entre 1919 e 1974, dando origem ao chamado *Círculo de Bakhtin*⁴. É com

⁴ “Círculo de Bakhtin é a denominação atribuída pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev”. (RODRIGUES, 2005, p. 152)

base nesses pressupostos que analisaremos os gêneros autobiográficos manuscrito culinário, diário e blog e seus enunciados.

Na perspectiva bakhtiniana, o enunciado representa a unidade real e concreta da comunicação discursiva e defini-lo como tal pressupõe adotar a visão dialógica e ideológica da língua com base nessa premissa é que Bakhtin lança suas críticas e questionamentos às noções de língua vigentes, em oposição às concepções formais de sua época, ressalta que a verdadeira substância da língua não é constituída por um “sistema abstrato de formas linguísticas” (objetivismo abstrato), nem pela enunciação monológica isolada na expressão de uma consciência individual (no subjetivismo idealista), nem pelo ato psicofisiológico da sua produção (atividade mental), mas sim “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação (enunciado) ou pelas enunciações (enunciados)” (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 1989, p. 123, apud RODRIGUES, 2005, p. 155).

Dessa forma, a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, uma vez que disponibiliza elementos dentro da língua para que isso aconteça, como é o caso da categoria de pessoa (da qual fazem parte os pronomes e o verbo, expressando pessoalidade), da categoria de tempo (com verbo e advérbios expressando a temporalidade) e da categoria de espaço (com advérbios e pronomes expressando a espacialidade). Assim sendo, a linguagem é a possibilidade da subjetividade, se entendida como discurso. Ela, quando considerada como exercício assumido pelos indivíduos, é linguagem posta em ação. Essa noção perpassa toda a teoria da enunciação postulada por Benveniste (1998), a qual direciona os estudos sobre a linguagem para uma nova situação.

Imagem 01: Manuscrito Culinário – Autora: LP (1900-1950)⁵

Na escrita das receitas demonstradas acima há marcas evidentes de subjetividade pela presença, também, de marcas linguísticas (nome das receitas, verbos). Além do mais, se fazer a leitura da receita é possível reconstruí-la, pode-se imaginar a presença do corpo do sujeito que “fala” por meio da imaginação criadora, é nesse sentido que, Zumthor, salienta que a recepção do texto não é isolada, ela se faz a partir da performance, isto é, a reconfiguração de uma cena enunciativa plena, capaz de atualizar o texto (os enunciados escritos) em obra (projeção de uma cena viva no aqui e agora da ação imaginativa feita acontecimento).

Desse modo, ao analisar as receitas diante da natureza dialógica do enunciado, dos gêneros e de outros elementos que ultrapassam os limites do objeto da linguística, Bakhtin propõe a constituição de um novo grupo de disciplinas que denomina metalinguística. Para ele, “a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso -, mas o estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, mas não fundir-se.” (BAKHTIN, 1997, p. 181). Pensa-se, desse modo, na conexão entre língua-sistema e língua-discurso para uma abordagem interdisciplinar da linguagem, incluindo-se aí a problemática dos gêneros do discurso.

Assim, a análise dos gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma forma de ação social. Eles são um artefato cultural importante como parte integrante de nossa sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

As mesmas marcas de subjetividade dos discursos dos manuscritos culinários, serão encontradas nos diários e blogs. O diário íntimo se tornou uma *escrita do eu*, visando à captação especular da narração histórica de si.

Imagem 04: site: <http://www.taringa.net/posts/noticias/16773233/Hallo-en-un-museo-el-diario-intimo-de-su-ex-novio.html>

As imagens acima, retiradas do site *Taringa.net*, são representações significativas da *escrita do eu* quando retrata a história de Davis Jones e Laurie Mae. Os dois estudaram juntos durante o Ensino Médio e foram ao Baile de formatura unidos, onde o rapaz dera um anel de compromisso à moça e prometeu-lhe casamento. O tempo os separou e Davis foi para a guerra, onde se tornou soldado no Camp Elliott, em San Diego, e, menos de um ano antes de morrer, escreve um diário dedicado à amada contando a história de amor vivida pelos dois e a descreveu como " *a história da minha vida na minha passagem pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos... E, especialmente, o meu amor por Laurie Mae, que meu coração está completamente cheio. Então, se você tiver a oportunidade, por favor, entregá-lo a ela. Eu escrevo isto como a minha última vontade*". Após isso, Jones foi morto por um franco-atirador japonês no Pacífico Sul, em 1944. Quase 70 anos depois, Laurie foi a um museu para ver se havia qualquer memória de seu grande amor e para sua surpresa ela encontra o diário que estava exibido em uma caixa de vidro no Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial.

Esse diário é exemplo de que as pessoas precisam “falar de si”, “contar a própria história”. Segundo Foucault (2006), falar de si ou escrever sobre si é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, porque a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito, subordinada à sua sinceridade. Com a modernidade, surgiu uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade.

Pierre Bourdieu, em “A ilusão biográfica” (2005), observa que falar de história de vida é supô-la como um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto ou um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional, que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade. É aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos. Esta teoria apresenta alguns pressupostos, tais como o fato de que a vida é um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto, e que essa vida organizada segue uma ordem cronológica e lógica, desde um começo até o seu fim. Essa história organiza-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado da existência narrada.

O relato autobiográfico se baseia sempre, ou em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoáveis os estados sucessivos, de extrair uma lógica, uma consistência e uma constância

Os diários, na sua "forma de papel", constituem material particular e, muitas vezes, secreto. Já o blog, na "forma virtual", contrapõe-se àquele justamente por ser um texto público e permitir não só a leitura como a interferência por meio de comentários de outras pessoas.

O blog é um diário público interativo, ou seja, o leitor é também autor interferindo no texto com seus comentários. Por isso sua vasta utilização para diversas finalidades.

De acordo com Marcuschi (2006:24), "os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia". Cabe dizer, portanto, que são manifestações verbais de uso coletivo da língua situadas social e historicamente. O diário e também o blog enquadram-se nessa definição. Marcuschi (2006:27) salienta, ainda, que "novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias". É o caso do blog, um derivado dos diários de bordo ou dos diários íntimos. Isso acontece em decorrência da dinamicidade dos gêneros e de sua adaptação às necessidades do usuário da língua.

Bakhtin (1997) diz que há tantos gêneros textuais quantas atividades humanas houver para a enunciação. Nesse sentido, os gêneros são hipoteticamente ilimitados. A Internet surge como mais um suporte para a criação de gêneros. Em relação ao blog, pode-se dizer que acontece uma transmutação de gêneros, já que a produção escrita na Internet não deixa de ser uma transposição de gêneros escritos em papel para o novo suporte, com novas características para se adaptarem à tecnologia existente.

Desse modo, pode-se dizer, segundo Marcuschi (2008, p. 161), que os gêneros textuais são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Assim, percebe-se uma transição de tempo, estilo discurso e enunciação, do manuscrito, do diário e pôr fim do blog, objetos analisados neste trabalho. Nesse sentido, correspondem a uma forma de inserção, ação e poder social na linguagem cotidiana. E, como lembra Bakhtin (2003), toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*. Por outro lado, Marcuschi esclarece, também, que o controle social dos gêneros é incontornável, mas não determinista, já que eles, por si só, não perpetuam tais relações; apenas as manifestam em certas condições de sua realização. Em outras palavras, o falante assume certa liberdade individual perante os gêneros, porém está condicionado à estabilização das formas de interação social e se encontra, assim, plenamente envolvido na máquina sociodiscursiva.

Considerações Finais

Seguindo a tendência bakhtiniana percebe-se que os gêneros constituem entidades dinâmicas, reforçadas e estabilizadas no contexto das práticas comunicativas e caracterizadas por um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo. O estudo dos gêneros como manuscritos culinários, diário e blogs nas recentes teorias linguísticas do texto e do discurso representam, mais do que a possibilidade de classificação de gêneros, uma direção mais segura na análise e caracterização da composição, conteúdo temático e estilo dos gêneros discursivos em geral. A esse respeito, é válido considerar a relevância das práticas comunicativas associadas ao domínio linguístico no processo de estabilização desses gêneros analisados, particularmente do blog, que, como se viu neste trabalho, assume funções específicas no contexto do texto eletrônico.

Há aspectos convergentes, sem dúvida, que aproximam o manuscrito culinário, do diário íntimo e do blog. A preocupação da interatividade com o leitor (em estilo mais ou menos formal) revela-se como marca essencial dos gêneros manuscrito culinário e Blog. No entanto, quando se investigam separadamente os seus três principais elementos – estrutura composicional, conteúdo temático e estilo – algumas diferenças são sinalizadas.

Apesar de toda a evolução dos métodos e das várias formas de veiculação da palavra, cada texto é formulado com um objetivo e leitor específico. Todo e qualquer texto se torna um produto resultante da interação entre autor e leitor, com uma relação de comunicação entre eles. Seja a própria receita manuscrita, marcando a tradição, seja uma receita mediada pela internet, em blogs, livros ou cadernos virtuais, será sempre escrita ou publicada para um objetivo certo, seja para informar, educar, influenciar ou até mesmo persuadir. Assim, os gêneros do discurso das receitas

culinárias, seja um manuscrito, um diário ou um blog podem ser lidos como espaços de construção de uma variação da semiose que se processa em vários veículos que buscam discursar algo.

Referências

ADAM, J-M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

ADAM, J-M. **Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. Org. por Ângela Paiva Dionísio e Judith Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Trad. por Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, C. A. **Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas**. In: BRAIT, B. (org.) Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes; São Paulo-FAPESP, 2001. p. 17-32

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, Contexto 2004.

FERRATI, Pollyana. **Hipertexto, hipermídia: novas ferramentas da comunicação**. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 7ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. por Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, A. K.; SOUZA, M. M. F. de. **As sequências textuais e os processos de referência anafórica no gênero anúncio**. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.). Texto e Discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais. vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 219-249

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEURER, José Luiz. **Uma dimensão crítica do estudo de gênero textuais**. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) Gêneros Textuais. Bauru-SP: EDUSC, 2002. p. 17-30

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005 p.184-207.

XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) Hipertexto e Gêneros Digitais. 2 ed. São Paulo: Lucerna, 2005.